

AS FILHAS DAS COTAS: MULHER, NEGRA E PEDAGOGA!

Autora do projeto¹: Fabiana Alves dos Santos
Orientador²: Prof. Dr. Divino José da Silva

1 INTRODUÇÃO

“ - O senhor queria alguma coisa, pai?
- Estou vendo onde foi que guardei o danado do diploma. Vou dormir com ele
debaixo do travesseiro que é para sonhar sonho bonito.”
(GUIMARÃES, 1998, p. 86).

Esse projeto é iniciado com uma epigrafe que foi retirada do livro “A cor da Ternura”, escrito por Geni Guimarães, e é por meio dela que apresentamos a pele que reveste este trabalho, uma escrita da forma como é falada e vivenciada, nomeada por Conceição Evaristo (2017) como “escrevivências”. É com ela também, que recebemos a benção dos mais velhos para nos lançarmos em uma nova experiência na universidade – A benção!

Abrir um projeto de mestrado que busca resgatar identidades partindo da escrita de uma professora negra, pouco conhecida na academia, e se manter evocando-a durante o desenrolar do texto, pode ser uma insensatez, mas consideramos impossível falar de vida, sem citar a vida de quem veio primeiro. O respeito àquelas e àqueles que nos antecedem através da devoção a sua existência pretérita é um recurso indispensável a qualquer estudo que têm como foco a *questão racial*, em países que foram erguidos através da escravização (MUNANGA, 1995; CAVALLEIRO, 2001; FANON, 2008; MOORE, 2010).

Nesse projeto de pesquisa, temos como objetivo resgatar, analisar e compreender a trajetória de vida de uma professora negra cotista, recém formada, a partir do entrelaçar de histórias e vivências de outras mulheres negras educadoras, que acessaram a universidade por meio de políticas afirmativas, tendo como base para as reflexões, autoras e autores que tenham contribuído com a temática.

¹Mestranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Ciências e Tecnologia, Presidente Prudente, vinculada ao Núcleo Negro para Pesquisa e Extensão Universitária (NUPE).

²Docente do Programa de Pós-Graduação em Educação e do Departamento de Educação da Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Ciências e Tecnologia, Presidente Prudente. Vinculado ao grupo de pesquisa “Educação, valores e formação de professores”.

Este processo pode ser muito frutífero, pois a base do estudo se pauta em desvelar eventos discriminatórios que as mulheres negras professoras tiveram ou têm que passar, tanto em seu trabalho, como na vida em sociedade. Por isso, é também importante observar como as pessoas brancas podem auxiliar no enfrentamento ao racismo e na construção de ações e espaços antirracistas usando como suporte as liberdades e garantias que lhes foram destinados historicamente (SILVA, 2014, 2017; MULLER & CARDOSO, 2017).

A proposta desse trabalho nasceu em razão das poucas referências sobre relações étnicas e raciais dentro do currículo do curso de Pedagogia da FCT/UNESP, assim como a identificação do baixo número de dissertações e teses que foram defendidas nos últimos cinco anos no Programa de Pós-Graduação em Educação da FCT/UNESP, sendo elas, apenas duas pesquisas no referido período:

QUADRO 1: Dissertações defendidas na FCT-UNESP [questão racial]

Ano	Orientadora	Autora/ Nível	Título
2017	Rosiane de Fátima Ponce	Ivone Aparecida Alves (Mestrado)	Educação infantil e relações étnicas e raciais: pele negra e cabelo crespo nas escolas públicas e sua tradução nos trabalhos acadêmicos.
2017	Maria de Fátima Salum Moreira	Fernanda Gomes Françoso (Mestrado)	Os lugares de mulheres negras em materiais didáticos de história da Secretaria da Educação do Estado de São Paulo

Fonte: Adaptado pela autora de <https://www.fct.unesp.br/#!/pos-graduacao/--educacao/>

Ao observarmos a ideologia do “caráter nacional brasileiro”, a nação é formada pela mistura de três raças – indígenas, negros (pardos e pretos) e brancos – o que cunhou a teoria que aponta o Brasil como um país mestiço e que vive uma democracia das raças, pensamento difundido por Gilberto Freyre, que fortalece e desconhece o preconceito racial (CHAUÍ, 2000; MOORE, 2008). Tal “desconhecimento” foi mantido também nos meios acadêmicos, evitando-se tocar no assunto, mascarando uma situação de apagamento e ausência da questão racial no mundo acadêmico.

Esta ausência pode ser “lida” como resultante da história de discriminação e negação sofrida pelas pessoas negras brasileiras que, concordando com Walter Benjamin (1987), sempre teve suas histórias contadas através do ponto de vista dos vencedores, o que tem gerado o silenciamento e o apagamento dos conhecimentos e saberes produzidos pelos grupos que foram subalternizados e oprimidos. A esta situação, Boaventura de Souza Santos (1994)

denominou de “epistemicídio”, termo que foi traduzido brilhantemente por Sueli Carneiro (2005), em sua tese de doutorado:

Alia-se nesse processo de banimento social a exclusão das oportunidades educacionais, o principal ativo para a mobilidade social no país. Nessa dinâmica, o aparelho educacional tem se constituído, de forma quase absoluta, para os racialmente inferiorizados, como fonte de múltiplos processos de aniquilamento da capacidade cognitiva e da confiança intelectual. É fenômeno que ocorre pelo rebaixamento da autoestima que o racismo e a discriminação provocam no cotidiano escolar; pela negação aos negros da condição de sujeitos de conhecimento, por meio da desvalorização, negação ou ocultamento das contribuições do Continente Africano e da diáspora africana ao patrimônio cultural da humanidade; pela imposição do embranquecimento cultural e pela produção do fracasso e evasão escolar. A esses processos denominamos epistemicídio (CARNEIRO, 2005, p. 190).

Para Djamila Ribeiro (2019), considerando esse quadro, todas as formas de [opressão] racismo são abomináveis e acabam criando vítimas aos seus modos. Contudo, o racismo “brasileiro não é o pior, nem o melhor, mas ele tem suas peculiaridades, entre as quais o silêncio, o não dito, que confunde todas as brasileiras e brasileiros, vítimas e não vítimas” (RIBEIRO, 2019, p. 9).

Com a intensificação de algumas pesquisas e a respectiva publicação de resultados sobre as interfaces dos temas negro, educação, discriminação contra a mulher e racismo, bem como o reconhecimento do racismo pelo Governo Brasileiro em 2003, como aponta Maria (2014), assim, foi possível preencher uma lacuna histórica que até então era ocupada com as figuras estereotipadas apresentadas pelos livros didáticos como salienta Fúlvia Rosemberg (2003) e por imagens vulgares – mais sexuais – e bizarras – aberrações primitivas descontroladas transmitidas pelas grandes mídias globais (HOOKS, 1995).

As mudanças históricas que se somam as histórias de vida dos “vencidos”, foram exigidas pelos movimentos sociais, principalmente entidades que defendem os direitos das mulheres, dos povos indígenas, dos povos negros, dos trabalhadores e trabalhadoras rurais sem-terra, que organizaram manifestações, encontros e grupos para pressionar a criação e/ou o cumprimento de leis que garantissem o direito a dignidade da pessoa humana. Esse projeto, contudo, irá se concentrar nas pedagogas negras, fruto da política de cotas raciais, conforme será destacado adiante.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para iniciar o processo investigativo deste projeto, contudo, pretende-se identificar e analisar artigos, dissertações, teses e livros que versem sobre as questões da identidade da mulher, negra e pedagoga que atua na educação formal ou na educação não-formal. Para isso, optou-se por buscar nos repositórios das três universidades paulistas (USP, UNICAMP e UNESP), trabalhos que tratem sobre a temática abordada e que tenham sido publicados nos últimos dez anos, período de implementação da Lei nº 12.711/2012, também conhecida como Lei de Cotas.

Tendo em vista que a proposta é investigar a identidade pessoal e profissional de mulheres pedagogas, será utilizado como procedimento metodológico a entrevista com narrativas biográficas não diretiva (HOFFMANNI e OLIVEIRA, 2009; KILOMBA, 2019), pois compreendesse que essa metodologia permitirá uma escuta qualificada e dará a liberdade para que as entrevistadas possam compartilhar de forma implícita ou explícita as angústias, dores e alegrias que fazem parte de seus cotidianos enquanto mulheres, negras e professoras.

É importante salientar que também optou-se por trabalhar com narrativas biográficas, pois foi uma das alternativas encontrada para que fosse possível o levantamento de experiências atuais e, a partir daí, criar um canal para que sejam narrados acontecimentos que percorrem todo processo de construção de suas identidades, pois compreende-se que o racismo não acontece pontualmente, ele percorre toda a história de vida dessas mulheres, uma vez que a pele não é algo que possa ser arrancado durante os episódios de constrangimento, humilhação e exposição (FRENETTE, 2000).

Como proposta de coleta das entrevistas, inicialmente será realizado o levantamento das listas de aprovados no vestibular entre os anos de 2014 e 2020, para seleção das possíveis colaboradoras da pesquisa. Em seguida, será realizada uma busca dessas mulheres por meio de reconhecimento de nome e/ ou fotografias de formatura, visto que, não é permitido a divulgação de dados de alunos pela seção técnica acadêmica.

Por ser um trabalho que prevê uma dinâmica de pesquisa centrada no sujeito, ou seja, um modo de fazer ciência no qual a pesquisadora não ocupa a posição de observadora e sim, de mediadora de vivências, por meio de “uma subjetividade consciente”, a qual lhe permite que para além da captação de dados, tenha a liberdade de solicitar que as entrevistadas qualifiquem

suas narrativas (ESSED, 1991, p. 67 apud KILOMBA, 2019, p.83), através de compartilhamentos de vivências que se compatibilizam, se faz necessário que a pesquisadora não tenha distanciamento “emocional, social e político” das entrevistadas, como prevê o modelo tradicional da pesquisa acadêmica (KILOMBA, 2019, P.83). As entrevistas serão realizadas via Google Meet, por questão de cuidados sanitários devido ao agravamento da Covid-19 e suas variantes.

Palavras-chave: Negritude; Professoras Negras; Educação; Racismo.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. **Ensaio sobre as Afinidades Eletivas**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1987.

CARNEIRO, Aparecida Sueli. **A Construção do Outro como Não-Ser como fundamento do Ser**. Feusp, 2005. (Tese de doutorado)

CAVALLEIRO, Eliane (org.). **Racismo e anti-racismo na educação** - repensando nossa escola: Selo Negro, São Paulo, 2001.

CHAUÍ, Marilena. **Brasil: mito fundador e sociedade autoritária**. Ed. Fundação Perseu Abramo, São Paulo, 2000.

EVARISTO, Conceição. **Becos da Memória**. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

FANON, Frantz. **Pele Negra, Máscaras brancas**. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008

FRENETTE, Marco. **Preto e Branco**: a importância da cor da pele. São Paulo. Publisher Brasil, 2000.

GUIMARÃES, Geni. **A cor da ternura**. 2. Ed. – São Paulo: FTD, 1998.

HOFFMANN, Maria Vitória; OLIVEIRA, Isabel Cristina Santos. Entrevista não-diretiva: uma possibilidade de abordagem em grupo. **Rev. Bras. Enfermagem**, Brasília, 2009, nov-dez; nov-dez; 62(6): 923-7

HOOKS, Bell. Intelectuais Negras. **Revista Estudos Feministas**, V.3, nº 2, 1995. KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação**: episódios de racismo cotidiano. São Paulo: Cobogó, 2019.

MARIA, Hélio Santos Alves. A política de cotas na Universidade Estadual Paulista: histórica, reflexo na Política de Permanência Estudantil e o caso de Presidente Prudente-SP. **Anais do VII CBG**, 2014.

MOORE, Carlos. **A África que incomoda**. Belo Horizonte, Nandyala, 2008.

MOORE, Carlos. **O Marxismo e a questão racial** – Karl Marx e Friedrich Engels frente ao racismo e à escravidão. Nandyala: Belo Horizonte; CENAfro: Uberlândia, 2010.

MUNANGA, Kabengele. **O tráfico negroiro**. In. Idéias, 27: a luta contra o racismo na rede escolar, p. 61-67, FDE, 1995.

MULLER, Tânia Mara; CARDOSO, Lourenço. **Branquitude**: estudos sobre a identidade branca no Brasil. Curitiba: Appris, 2017.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno Manual Antirracista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Pela Mão de Alice**. Coimbra: Editora Almedina, 1994.

SILVA, Priscila Elisabete. Contribuições aos estudos da branquitude no Brasil: branquitude e ensino superior. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores(as) Negros(as) - ABPN**, v. 6, p. 8-29-29, 2014.

SILVA, Priscila Elisabete. **O conceito de branquitude**: reflexões para o campo de estudo. In: Tânia M.P. Müller e Lourenço Cardoso. (Org.). **Branquitude**. 1.ed. Curitiba: Appris, 2017, p. 19-32.